

**Pesquisa-ação em prática educomunicativa:
reflexões metodológicas acerca do Projeto Semiárido em Tela**

*Action research in educommunication practice:
methodological reflections on the Semiárido em Tela Project*

Raquel da Silva SANTOS¹

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de analisar o processo de pesquisa que envolve a formulação e aplicação de metodologias com base na pesquisa-ação no campo da educomunicação através da experiência do Projeto Semiárido em Tela. A reflexão inicia-se com uma análise dos tipos de pesquisas participativas na área de ciências humanas e sociais, optando pela metodologia da pesquisa-ação de Thiollent (2011). O texto ainda tem como referenciais teóricos Kaplun (1984), Freire (2000) e Schaun (2002) na compreensão de um pesquisador em comunicação que está comprometido com a transformação social a partir de seu objeto de estudo.

Palavras Chaves: Pesquisa-ação. Educomunicação. Cinema.

Abstract

This article aims to analyze the research process that involves the formulation and method of application based on action research in the field of educommunication through the experience of Semiárido em Tela Project. The reflection begins with an analysis of the types of participatory research in the humanities and social sciences, choosing the methodology of action research in Thiollent (2011). The text also has the theoretical references Kaplun (1984), Freire (2000) and Schaun (2002) in understanding a researcher in communication that is committed to social transformation from its object of study.

Key words: Action research. Educommunication. Cinema.

Introdução

Como conhecer uma realidade? E uma vez conhecida como intervir nessa realidade? Para projetos de pesquisas desenvolvidos na área de comunicação social e outras áreas como Sociologia e a Educação, voltados à formação em comunidades, essas

¹Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFPB. E-mail: quelbaster@gmail.com

duas questões devem sempre ser respondidas pelo pesquisador da área. E será principalmente na abordagem metodológica que o estudioso conseguirá alcançar algumas reflexões acerca das questões citadas. Nos estudos da ciência a prevalência de arcabouços metodológicos convencionais é mais comum. A maior parte da pesquisa em comunicação, por exemplo, é realizada dentro do padrão da pesquisa empírica convencional. No entanto, o método científico evoluiu mesmo com muitas críticas por parte dos defensores positivistas, e as metodologias consideradas participativas utilizadas na área da comunicação são ainda considerados recentes,mas já apresentam resultados consideráveis e alternativos para outros métodos.

Nas décadas de 1980 e início de1990, muitos estudos em comunicação apresentaram metodologias mais participativas, como por exemplo, a pesquisa participante que consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada.A pesquisa participante no estilo participação engajada de investigação social e relacionada à prática educativa “surge no início da década de 80 quando a realidade da América Latínase caracteriza pela presença de regimes autoritários e modelos de desenvolvimento excludentes, no aspecto político, e concentradores, no aspecto econômico”. (GAJARDO, 1987, p.39).

Trata-se de um momento da história do Brasil em que se vive um clima sócio-político marcado por três grandes movimentos na história do País: o acirramento dos conflitos e crescente descontentamento com o status-quo; a efetivação da abertura política, em decorrência do declínio da ditadura militar; e a vontade pública de mudança (transformação) social. A participação política e o fim das desigualdades sociais eram as demandas explicitadas pelo conjunto da sociedade, depois de longos anos de regime político de exceção. Neste contexto, a universidade repensa o seu papel na sociedade e a discussão sobre a epistemologia da ciência encontra um campo fértil.

Provenientes dos estudos da área de ciência sociais, as metodologias consideradas participativas começam a ser desenvolvidas no universo acadêmico com objetivo em dar aos pesquisadores e grupos participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora. Um caminho para facilitar a busca de soluções aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais até então têm pouco contribuído. No entanto, alguns autores como Michel Thiollent nos

chamam a atenção para os estilos diferentes de pesquisa na perspectiva de metodologias participativas.

Segundo Thiollent toda pesquisa-ação é do tipo participativo: a participação das pessoas implicadas nos problemas investigados é absolutamente necessária. No entanto, tudo o que é chamado pesquisa participante não é pesquisa-ação.

Isso porque pesquisa participante é, em alguns casos, um tipo de pesquisa baseado numa metodologia de observação participante na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com pessoas ou grupos da situação investigada com o intuito de serem mais bem aceitos. Nesse caso, a participação é sobretudo participação dos pesquisadores e consiste em aparente identificação com os valores e os comportamentos que são necessários para a sua aceitação pelo grupo considerado. (THIOLLENT, 2011, p.21)

Neste artigo será contextualizada e analisada a pesquisa-ação como um exemplo de metodologia participativa fundamental para projetos de pesquisa em comunicação que objetivam aproximar o pesquisador do objeto estudado e participar diretamente da mudança proporcionada pela comunidade em que a pesquisa estiver inserida, reivindicar uma metodologia utilizada adequada à realidade e garantir de certa forma um acréscimo no conhecimento que existe sobre o assunto tratado. A metodologia é analisada ainda neste artigo na perspectiva da educomunicação e apresentada aqui como uma prática já realizada através da experiência do projeto Semiárido em Tela que tem o intuito de popularizar a ciência através do cinema.

Pesquisa-ação: quando o pesquisador participa da ação em comunidade

Quando se faz pesquisa acadêmica um dos pressupostos é a relevância do objeto a ser estudado, se ele possibilitará trazer um conhecimento a mais, que ainda não foi descoberto acerca daquele estudo. Mas como desenvolver uma metodologia para atender às expectativas de participação social de uma dada comunidade e mais como responder ao mesmo tempo as exigências do universo científico? A pesquisa-ação é uma escolha, uma metodologia que estimula a participação das pessoas envolvidas na pesquisa e abre um leque de respostas, passando pelas condições de trabalho e vida da

comunidade. Buscam-se as explicações dos próprios participantes que se situam, assim, em situação de investigador.

Na pesquisa-ação, o participante é conduzido à produção do próprio conhecimento e se torna o sujeito dessa produção. Neste aspecto segundo Melo Neto (2013, p.2), “essa metodologia se distancia das demais e se afirma, constituindo-se como fundamental instrumento de resistência e conquista popular”. Nos primeiros anos da década de 1980 alguns autores já defendiam que esta metodologia era constituída de ação educativa, segundo Oliveira (1981, p.19) a pesquisa-ação promove “*o conhecimento da consciência e também a capacidade de iniciativa transformadora dos grupos com quem se trabalha*”. Gamboa (1982, p.36) reforça que este caminho metodológico “*busca superar, essencialmente, a separação entre conhecimento e ação, buscando realizar a prática de conhecer para atuar*”.

Entendida como instrumento de resistência e conquista popular, a pesquisa-ação origina-se em meio a um contexto político social da década de 1980 associados à democratização e à busca de maior liberdade após um regime autoritário no Brasil. Mas as questões relativas ao pensamento crítico, à contestação de fora ou à participação de dentro de esferas de poder não se apresentam em 2016 da mesma maneira ou se apresentam? Se a conjuntura política é cenário importante para o desenvolvimento da pesquisa-ação, como atualmente ela é desenvolvida dentro das universidades e em especial nas pesquisas de comunicação?

Thiollent(2011, p.116) apresenta um posfácio em sua reedição do livro Metodologia de Pesquisa-Ação e destaca que alguns temas no século XXI evoluíram e que devem “ser reconsiderados aspectos das modalidades de pesquisa-ação, bem como a ampliação e diferenciação das áreas de aplicação, mostrando que existem novas áreas de interesse social e de conteúdo técnico”. Hoje, podemos considerar que, além de possíveis diferenças em função dos contextos, dos atores e objetivos de pesquisa-ação e pesquisa participante tendem a fundir em uma alternativa às práticas metodológicas das ciências sociais convencionais, principalmente influenciadas por formas tardias de positivismo.

É possível observar ainda uma renovação da pesquisa-ação que abrange uma maior variedade de áreas do que no passado e que se desenvolve, inclusive, em áreas técnicas, como por exemplo, nas ciências biológicas e agrárias. Na área de comunicação

a pesquisa-ação é uma orientação para as causas populares da comunicação, principalmente aquelas que surgem como enfrentamento e crítica a uma comunicação de massa, que constrói discursos e identidades imagéticas estereotipadas de determinadas regiões em detrimento a outras, que reproduz e dissemina informações que distorcem a pluralidade da diversidade e vai contra a democratização da comunicação no Brasil.

Na pesquisa em comunicação, a matéria-prima é feita de linguagens, palavras, imagens a serem captadas e interpretadas de um modo que muitas vezes não está desprovido de valores estéticos, e cuja evidencição pode se tornar o ponto de partida para novas experiências comunicativas e artísticas. A dimensão estética está associada quer à arte de comunicar, quer à arte de pesquisar, o que quer dizer que se trata da produção de um determinado retrato do mundo que é também reflexo de uma intenção estética do seu produtor. Nesta perspectiva a área da comunicação está aberta a tipos de intervenção situados a meio caminho da arte ou até mesmo a tipos que pertencem a uma de suas formas, tal como, por exemplo, a forma audiovisual, com suas técnicas próprias. (THIOLLENT, 2011, p.87)

É possível descrever um passo a passo da metodologia de pesquisa-ação ou uma tentativa de sistematizá-la, no entanto isso dependerá de cada realidade a ser estudada. Inicia-se com aproximação do pesquisador com a comunidade escolhida. São então contactados grupos ou instituições, organizações e membros da comunidade, representativos de seus diversos setores sociais. Neste momento será construído o conhecimento da comunidade a partir do que é apresentada por ela através de depoimentos orais e observações sobre seu cotidiano. A partir daí, inicia-se o estudo de como a comunidade percebe e analisa sua realidade.

A etapa seguinte utiliza-se da aplicação de questionário, onde se estabelece maior organização de busca das necessidades e problemas. Os entrevistadores que poderão colaborar serão provenientes da própria comunidade pesquisada. A entrevista dá-se coletivamente com os residentes, nos ambientes de moradia. Procede-se à entrevista nos domicílios selecionados. Os dados coletados saem do consenso dos que se fazem presentes no momento da entrevista no domicílio.

Com os dados coletados e observações feitas, inicia-se a sistematização dos dados com a finalidade de oferecê-los à reflexão dos próprios grupos pesquisados. Posteriormente é feita a análise e interpretação dos dados de forma crítica, extraindo-se

as dimensões positivas e negativas das questões levantadas encarando a realidade numa perspectiva de mudança, impulsionando os grupos à reflexão e à ação, desenvolvendo seu poder de organização e intervenção na realidade.

Por último é realizada uma avaliação de todo o processo, neste sentido é importante que durante todas as etapas, desde os primeiros contatos até o final das atividades já se construa formas de avaliação por etapas. Após todo o levantamento e a finalização de todas as etapas, é organizada com os grupos uma devolutiva para que o produto/relatório gerado com as impressões e demandas da comunidade possam retornar para quem também produziu.

Portanto, a pesquisa-ação é uma modalidade de investigação que articula dialeticamente pesquisa e a ação e tem por finalidade transformar a realidade a partir da resolução de problemas. Nessa perspectiva, novos conhecimentos são produzidos. Os encaminhamentos metodológicos são flexíveis e adaptados aos fatos, portanto, não estabelecem uma sequência de etapa a ser seguida, o que não significa falta de rigor científico, ela apenas não se sustenta na epistemologia positivista, uma vez que se fundamenta na intersubjetividade dialética do coletivo.

Diálogos possíveis entre a pesquisa-ação e o novo campo de Educomunicação

O termo Educomunicação foi cunhado pelo filósofo da educação Paulo Freire e pelo comunicador social Mario Kaplún na década de 1960, mas tomou forma nos anos que sucederam 1970. A educomunicação surge na América Latina junto aos movimentos de contracultura e das comunidades eclesiais de base (CEB) que se recusavam a invasão e a domesticação cultural ditada à época pelos Estados Unidos. Kaplún e Freire demonstram saber que a comunicação, desde a sua origem, se constituiu pela estreita ligação com a noção de “integralidade da sociedade” (MATELLART, 1999) do ponto de vista econômico.

A comunicação, segundo Freire, implicaria numa reciprocidade que não pode ser rompida, afirmando que a dimensão do diálogo caracteriza o ato de comunicar e, que a educação é comunicação e diálogo na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a construção dos significados: “Pensávamos em uma alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de

desencadear outros atos criadores. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade característica dos estados de procura, de invenção, de reinvidicação.(FREIRE, 2000, p.112)

Kaplun, por sua vez, entende a comunicação como meio de educação. Em sua experiência com o Cassete-Foro afirma que os processos coletivos colocam as pessoas em contato com a própria vida, podendo desencadear processos de interlocução. Nesses encontros vigora a possibilidade do exercício da escuta profunda de si e do outro – sentido maior da comunicação. “El Cassete-Foro es un instrumento útil (...) para dinamizar a las organizaciones populares y ayudarlas en su expansión e su fortalecimiento para desarrollar la capacidad organizativa de las bases y sus procesos de autoeducación política”.(KAPLUN, 1984, p.13)

Neste cenário, o caminho de construção da educomunicação como um novo e incipiente campo de intervenção social inicia-se a partir de estudos já existentes, pelo filósofo da comunicação Mario Kaplun em 1998 na América Latina, e das respostas obtidas em sua pesquisa nas universidades e organizações sociais brasileiras, em especial pelos estudos do professor Ismar Soares no Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da USP que apresenta a “Educomunicação enquanto concepção, isto é, modo de ver ou sentir, ponto de vista, entendimento, noção. Educomunicação se caracteriza como campo de pesquisa e ação comprometido com outra gestão e, por conta disso, se apresenta como forma de intervenção social”. (SOARES, 2010, p.1).

Para Angela Schaun, a educomunicação é uma ação política, voltada para o aporte de uma consciência ética e pragmática direcionada para as transformações da sociedade:

“Este campo caracteriza-se pelas atividades de intervenção política e social fundamentada na experiência e na formação crítica dos processos históricos, sempre voltadas para uma perspectiva de leitura crítica dos meios de comunicação, atuando no âmbito do ensino formal e não formal, nas empresas, nos meios de comunicação, nos movimentos populares, nas organizações não governamentais. Eles atuam junto a públicos diversos e específicos, de todas as faixas etárias e grupos sociais minoritários e/ou socialmente excluídos ou estigmatizados”. (SHAUN, 2002, p.82)

Trabalhar na perspectiva da Educomunicação tem a ver com postura política e com busca de possibilidades de intervenção social no sentido de transformar a realidade de acordo com a vontade e as possibilidades do grupo com o qual se trabalha.

“Entre as duas palavras – Comunicação e Educação, a que indica a Educomunicação é a Educação. A comunicação, por consequência, é o instrumento através ao qual ela se materializa suas intenções. Daí considera-se que, nas atividades de produção coletiva em comunicação, Educomunicação é sinônimo de Educação pelos Meios de Comunicação”. (LOPES, 2009, p.59)

O que então particulariza a educomunicação são os procedimentos adotados em relação ao fim a que ela se destina. A metodologia escolhida não tem interesse pelas respostas supostamente definitivas para os problemas, mas pelo aguçamento das contradições. O Projeto Semiárido em Tela desenvolve suas atividades a partir da perspectiva da Educomunicação e escolhe a pesquisa-ação como um caminho metodológico para a construção de processos colaborativos com intuito de popularizar a ciência através do cinema em comunidades da região semiárida brasileira.

Semiárido em Tela: um olhar sobre a prática educativoutilizando da pesquisa-ação

Além da sua função crítica, a pesquisa-ação pode igualmente ser aplicada de modo construtivo para permitir uma maior participação dos grupos interessados em torno de diversas ações comunicativas: criação de um jornal, espaço de lazer, transformação de uma política de informação ou o auto-registro audiovisual, como é o caso do Projeto Semiárido em Tela. O Projeto é uma iniciativa do Instituto Nacional do Semiárido (Insa) em parceria com o Projeto Cine Mandacaru com o objetivo de pesquisar, capacitar, registrar e difundir a ciência e a tecnologia por intermédio do cinema, sendo a própria população protagonista na produção de obras audiovisuais que contam histórias de convivência com o Semiárido.

O Projeto Semiárido em Tela desenvolveu uma metodologia própria para popularizar a ciência através de técnicas de produção em auto-registro audiovisual para crianças, jovens, educadores e representantes de comunidades tradicionais. A metodologia utilizada se baseia na pesquisa-ação, onde os próprios educandos

produzem vídeos de curtas-metragens sobre as suas vivências e experiências nas comunidades onde moram e (re) constroem uma imagem do semiárido para além da seca e da pobreza. Na pesquisa-ação desenvolve o conhecimento e a compreensão como parte da prática. O Projeto ainda tem como contexto a educomunicação que propõe utilizar de meios de comunicação para discutir e analisar a realidade de como é visto e vivido o Semiárido.

A primeira experiência do Projeto Semiárido em Tela na Paraíba ocorreu no segundo semestre de 2013 no município de Nova Palmeira, a 230 km de João Pessoa. O Insa já desenvolvia parceria com o Centro de Educação Popular (Cenep) para a pesquisa sobre plantas medicinais da caatinga. Durante a execução do projeto piloto foram realizadas 23 oficinas para jovens entre 12 a 28 anos e 12 encontros de formação para educadores da rede pública de ensino e representantes da comunidade quilombola Serra do Abreu. Como resultado, os participantes produziram sete curtas metragens e realizaram a primeira Mostra de Cinema para exibição do material produzido para 400 pessoas em praça pública no município.

As oficinas do Projeto Semiárido em Tela iniciaram em três etapas:

1) Articulação com autoridades e entidades locais e regionais/Mobilização dos participantes.

2) Realização das oficinas, subdivididas em módulos: *Módulo I – Introdução ao fazer ciência e ao cinema*: Neste primeiro momento construímos com os participantes as definições de ciência, semiárido e cinema. A ideia era compreender como os jovens e educadores entendiam os termos e a relação que tais termos tinham com o cotidiano de cada um deles. *Módulo II – Pesquisa e Roteiro*: Quais as histórias podem tornar filmes e por que é importante contar tais histórias. Os participantes neste módulo aprendem a investigar e aprofundar sobre determinado assunto para subsidiar a escrita de um roteiro/guia para a produção do documentário. No caso das educadoras da comunidade quilombola Serra do Abreu houve uma solicitação por parte delas para que a construção do roteiro fosse feito com e na própria comunidade. *Módulo III – Produção de curta-metragem*: todos os participantes com os roteiros em mãos iniciaram a série de filmagens sobre os temas levantados por eles. Cada um deles a partir de afinidade e interesse escolheu o que fazer durante as filmagens: direção, fotografia, operador de boom, e produção. *Módulo IV – Edição e Finalização* que consistiu na montagem e

edição dos curtas-metragens. A montagem foi feita pelos participantes após a finalização das filmagens.

3) Após finalização dos curtas-metragens foi realizada a primeira Mostra de Cinema de Nova Palmeira. Os jovens e educadores apresentaram os resultados de suas produções para toda a população de Nova Palmeira e aprenderam a montar um evento de cinema em praça pública já que toda a organização foi feita pelos participantes.

A pesquisa-ação no contexto do Projeto Semiárido em Tela possibilitou que aqueles que não têm voz pudessem produzir e fazer circular informações (documentários) ou conhecimentos que são tradicionalmente excluídos ou menosprezados por parte dos meios de comunicação de massa. Visto sob a perspectiva da Educomunicação, o Semiárido em Tela produz novos agenciamentos coletivos, enunciativos e inclusivos que se multiplicam e repercutem, deixando sua marca. E busca “re-significar os movimentos comunicativos inspirados na linguagem do mercado de bens culturais, mas que vão se resolver no âmbito da educação como uma das formas de reprodução de organização de poder da comunidade, como lugar de cidadania” (SHAUN, 2002, p.15). Um depoimento de uma participante durante construção do roteiro de um dos filmes produzidos pelo projeto evidencia isto:

“Muitos moradores de Nova Palmeira nem sabe que a gente existe, nunca vieram aqui. E muitos de nós precisamos entender melhor de onde viemos. Acho que temos que conversar com seu Aécio, pois ele sabe de toda a história sobre os escravos até chegar aos dias atuais. Podemos iniciar nosso filme com os negros que fugiam pra cá, depois com o reconhecimento pela Fundação Palmares”,(Vera Lúcia dos Santos Dantas, aluna do Projeto Semiárido em Tela, setembro 2013).

O elemento fundamental do projeto Semiárido em Tela é o saber anterior dos jovens e educadores, matéria prima principal para as produções audiovisuais do Semiárido em Tela com o propósito de que este saber fragmentado possa sofrer costuras e conexões através do caminhar das oficinas. O mais importante não foi o produto feito (curtas-metragens) e sim o processo de produção, as discussões levantadas, o inverter espectador-produtor (até então os participantes assistiam aos filmes exibidos na programação aberta da televisão brasileira), a ampliação do olhar sobre o fazer de uma imagem em movimento, sobre a possibilidade infinita de se enxergar as múltiplas realidades, a troca entre diferentes experiências entre facilitadores, jovens (diversas

idades e perfis), educadores (oriundos da educação formal – escolas públicas municipais e da educação popular - Cenep) e ainda representantes da comunidade quilombola, onde predomina a transmissão de conhecimento através da tradição oral.

O encontro entre esses diversos atores em constante processo dialógico possibilitou a troca de experiências e vivências, a produção do conhecimento, como nos deixou claro o educador Paulo Freire:

“(…) Respeitar a leitura de mundo do educando significa toma-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. É preciso que, ao respeitar a leitura de mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa. E a curiosidade assim metodicamente rigorizada faz achados cada vez mais exatos. No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, por isso mesmo, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica”. (FREIRE, 2011, p. 120)

O Projeto Semiárido em Tela possibilitou aos jovens, educadores e representantes quilombolas o acesso à linguagem cinematográfica. A maioria não sabia manusear equipamentos, como por exemplo, máquina fotográfica. Além de aprenderem a fotografar e a filmar, os participantes puderam conhecer mais sobre suas comunidades a partir da pesquisa e investigação sobre os temas que se tornaram vídeos. Os registros feitos por eles proporcionaram ainda discutir sobre a imagem que se tem do semiárido e a construir outra leitura sobre o estudo da ciência. O Projeto promove uma interação entre ciência, cultura e a arte, com maior aproximação das pesquisas científicas e tecnologias sociais ao cotidiano das pessoas e a valorização dos aspectos culturais e humanísticos do fazer ciência.

Considerações finais

As pesquisas científicas participativas configuram-se em algumas modalidades como, por exemplo, a pesquisa participante e pesquisa-ação. Enquanto a última representa um tipo de pesquisa engajada aos grupos investigados e voltada para o

desenvolvimento social ou das organizações, a primeira conserva um caráter mais distante no que diz respeito à relação sujeito-objeto.

As pesquisas em projetos de investigação na área da comunicação voltados a comunidade devem utilizar de metodologias que não somente aproximem o pesquisador do objeto a ser estudado, mas principalmente que eles possam interagir e, em um processo colaborativo, possam intervir para uma transformação social. A pesquisa-ação é um caminho metodológico interessante para projetos desenvolvidos no campo da Educomunicação.

A Educomunicação problematiza a atuação dos indivíduos como produtores e receptores dos bens culturais e comunicacionais nas comunidades, por meio de ações de valorização de sua identidade social e cultural. Este novo campo contribui para o processo de democratização e ampliação da conquista de direitos de cidadania tão necessários e urgentes, como pode ser percebida na experiência apresentada do Projeto Semiárido em Tela.

O Projeto promoveu uma interação entre ciência, cultura e a arte, com maior aproximação da Ciência e Tecnologia ao cotidiano das pessoas e valorizando os aspectos culturais e humanísticos da ciência. Os curtas-metragens² produzidos recontam histórias dos moradores e sua convivência com a seca e cultura local. As educadoras participantes puderam aprender sobre alternativas de trabalho didático-pedagógico com a ciência através do cinema, utilizando não somente de exibições de filmes de fora, mas também e principalmente dos vídeos produzidos por eles mesmos.

Como enfatizou Paulo Freire (1981, p.35) se a minha opção é libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de minha pesquisa. Simplesmente, não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles como sujeitos também deste conhecimento que, sendo para eles um conhecimento anterior (o que se dá ao nível da sua experiência cotidiana) se torna um novo conhecimento.

2 Os vídeos produzidos pelos participantes estão disponíveis no endereço: <https://www.youtube.com/channel/UCatcJ0-UqtrJTYsdR-sCeCA>

Referências

CAJARDO, Marcela. Pesquisa participante: propostas e projetos. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.15-50.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000a.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GAMBOA, Silvio A. S. **Análise epistemológica dos métodos na pesquisa educacional: um estudo sobre as dissertações de mestrado em educação da UnB**. Brasília: Faculdade de Educação UnB, 1982.

KAPLUN, Mario. **Comunicación entre grupos: el método del cassette-foro**. CIID, Ottawa: 1984.

_____. **La Educación para losmedios**. Montevideo: Fundación de Cultura Universitária de La Universidad de La Republica, 1987.

LOPES, Grácia Lima. **Educação pelos meios de comunicação: produção coletiva de comunicação, na perspectiva da educomunicação**. Tese (Doutorado-Programa de Pós Graduação em Educação. Área de concentração: Cultura, Organização e Educação). 135p. São Paulo. USP, 2009

OLIVEIRA, RosiskaD. e Oliveira, Miguel D. **Pesquisa social e ação educativa**. *In*. Carlos Rodrigues Brandão, (Org.). Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MELO NETO, José Francisco. **Pesquisa-ação: aspectos práticos da pesquisa-ação nos movimentos sociais populares e em extensão popular**. Texto (Programa de Pós Graduação em Educação. Área de concentração: Educação Popular) 8p. Paraíba. UFPB, 2013.

MATTERLART, Armand e Michele. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SCHAUN, Angela. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.